RELEMBRANDO A CONSTRUÇÃO DA COLUNA DE CRISTO REDENTOR

Recebi, hoje, telefonema de um amigo, pedindo que fôsse até a coluna do Cristo Redentor. Velo-me à lembrança o verso de Virgilio: «Sunt lacrimae rerum» — as colsas têm lágrimas.

Sim, a coluna do Cristo Redentor parecia chorar, lembrando-se do seu glorioso passado, pois está relegada a completo abandono.

Esta coluna foi construída para comemorar a data mais gloriosa do Brasil — o Centenário da sua Independência.

Quem teve a inspiração dêste monumento, ao mesmo tempo patriótico e religioso (o Brasil não é a terra de Santa Cruz, por conseguinte do Cristo Redentor?), foi o senhor Raimundo Frota, grande amigo e benfeitor do Círculo Operário, que lhe deve, no Cemitério, a quadra especial de 40 ou 50 sepulturas de alvenaria, reservadas aos membros do Círculo. Para animar e tornar mais eficiente a idéia da coluna, o mesmo concorreu com quarenta mil tijolos.

O Círculo pôs logo mãos à obra, escolhendo em seu seio os construtores, que foram os mestres Antônio Machado, Domingos Reis e Severino Moura, o célebre e querido «Chuva Branca». Quais os engenheiros e os arquitetos? Foram os mesmos. Nem engenheiro, nem arquiteto pisaram no terreno da coluna. E foi isso o que provocou na Capital Federal um grito de admiração. Uma grande revista de engenharia e arquitetura publicou uma fotografia, considerando a coluna obra-prima de arte, construída, inclusive a estátua, por operários. Aquêles operários geniais até hoje não mereceram, não obstante reclamações, nem uma pequena placa para perpetuar seu nome. Todos já morreram e amanhã ninguém saberá quem enriqueceu a capital com êsse importante monumento.

A coluna foi inaugurada a 7 de setembro de 1922, dia do Centenário da Independência, pelo então presidente do Estado, Desembargador José Moreira da Rocha. Enquanto as bombas espocavam no alto, os quatro novos sinos da Prainha, entre os quais o poderoso «Centenário», misturavam as suas badaladas sonoras aos acentos alegres da banda de música do Círculo e a um delírio de vivas à Pátria e a Cristo Redentor. Na mesma ocasião, pôs-se em movimento o relógio de quatro mostradores para servir de horário a grande parte da população da cidade. Mas, por causa da oscilação da coluna, relógio e pêndulo sempre paravam, por isso foi o relógio vendido à igreja dos Remédios. O dinheiro da venda foi colocado a juros para instalar mais tarde um relógio elétrico, mas

parece que «azulou», como outras coisas. Convém dizer que nem o Estado, nem o Município concorreram para a construção da coluna, que foi obra do Círculo e do povo. Pois êste monumento patriótico, que provocou admiração no Rio de Janeiro, caiu no abandono, no desprêzo, na abjeção. Durante muitos anos o Círculo São José zelou a coluna. Dom Manuel celebrava na capelinha, nas grandes circunstâncias, e o povo vinha rezar e cumprir promessas ao Cristo Redentor. Em cima, a plataforma e a imagem eram brilhantemente iluminadas à noite e Cristo, com o seu braço estendido sôbre a cidade e o mar, dava uma impressão de segurança. A autoridade militar tirou a iluminação durante a guerra, prometendo restabelecê-la depois, o que não fêz. Aos domingos, numerosas pessoas subiam a longa escada, em espiral de cimento, para lá, no alto, gozar um belo panorama sôbre a cidade e o oceano.

UM ANTIGO SÓCIO